

# A vida atribulada de um inventor

## É difícil quebrar tabus mesmo para quem já criou mais de cem produtos

“Um trabalho quixotesco, que exige uma boa dose de persistência e até de bom humor”. É assim — já que “todo mundo resiste ao novo” — que o inventor carioca Eduardo de Lima Castro Netto define a difícil tarefa de fabricar e comercializar suas próprias invenções.

Considerado um empresário bastante criativo, o que é confirmado pelas três medalhas que recebeu, em 1977, no conceituado Salon Internationale des Inventions et des Techniques Nouvelles, de Genebra (Suíça), Castro Netto tem uma história bastante atribulada. Há cerca de cinco anos ele vem tentando implantar o uso de seus dois principais inventos — lacres plásticos e um sistema especial de vedação de malotes — nos correios, casas de moc-

vedação. Entre seus principais clientes, estão a Casa da Moeda dos Estados Unidos, os Correios da França e ainda transportadoras de valores da Inglaterra, Bélgica, Indonésia, Itália, Bolívia e Paraguai.

Mas, para chegar a esse ponto, o inventor-empresário foi obrigado a transpor inúmeras barreiras. Sua carreira de industrial começou nos primeiros anos da década de 50, quando, influenciado por um tio padre, passou a fabricar carrilhões para sinos de igreja. Castro Netto desenvolveu um tipo de equipamento simples e resistente, que até hoje funciona nas matrizes de Piracicaba, SP, e de São Fidélis, RJ.

Dos carrilhões, ele se transferiu para a metalurgia, onde se dedicou à fabricação de registros e torneiras hidráulicas, de uma pequena máquina para descascar frutas e legumes e de uma espingarda para pesca submarina. No entanto, segundo Castro Netto, o pou-

## Cr\$ 6 milhões por ano, só para registrar patentes

co caso dos banqueiros em relação aos seus pedidos de crédito e as greves que eclodiram no início dos anos 60 levaram-no a abandonar o negócio.

**VIA CRUCIS** — Foi, porém, do insucesso na metalurgia que surgiu a idéia dos lacres plásticos. Castro Netto costumava freqüentar depósitos de ferrovelho em busca de matéria-prima mais barata para a sua fábrica. E, numa dessas expedições, pôs a imaginação para funcionar. Poucas semanas depois, já tinha na cabeça um projeto para fabricar lacres plásticos mais leves, mais baratos e de aplicação mais simples.

A partir daí, Castro Netto começou a enfrentar o que ele chama de “via-crucis contra o tabu”, pois seu invento eliminava interesses consolidados ao longo de quase três séculos. Na Casa da Moeda, por exemplo, os lacres foram reprovados sob a alegação de que causavam dormência nos dedos dos funcionários responsáveis pela sua

da, transportadoras de valores e órgãos controladores de pesos e medidas de vinte países. E há pelo menos sete anos ele aguarda um pronunciamento do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) sobre suas patentes, correndo o risco, inclusive, de ver os produtos imitados pelos concorrentes.

O mais grave é que, mesmo se as patentes forem concedidas imediatamente, Castro Netto poderá usufruir de apenas sete ou oito anos de exclusividade: de acordo com a legislação internacional, todo inventor tem direito a quinze anos de exclusividade sobre o produto ou sistema patenteado e o INPI, segundo ele, desconta o prazo em que o processo ficou engavetado.

**CARRILHÕES** — A empresa criada por Castro Netto para operar seus inventos — chamada pomposamente de Manufacturer-Exporter Eduardo de Lima Castro Netto — fatura cerca de 3 milhões de cruzeiros por mês, com uma produção de 8 a 10 milhões de peças, basicamente lacres e sistemas de



Castro e seus destaques: lacres e sistemas de vedação

aplicação. Castro Netto garante que uma rápida investigação revelou que ninguém estava interessado em se desfazer do antigo sistema — as sobras de chumbo rendiam gordas suplementações salariais, diz ele.

**FALSIFICAÇÃO** — Na opinião de Castro Netto, não é apenas a luta pela conquista de um novo mercado que torna iniciativas pioneiras como a sua “uma briga desesperadora”. A preservação das patentes dos inventos exige vigilância constante tanto no Brasil como em outros países. Recentemente, ele foi obrigado a viajar a Paris, onde os Correios estavam em vias de adotar uma versão falsificada do seu *lever-lock*, um sistema especial de fechamento e etiquetagem de malotes através de uma pequena alavanca de plástico. A Manufacturer, que também se encarrega de comercializar seus produtos no exterior, tem depositado, em média, 6 milhões de cruzeiros por ano, no registro de novas patentes: afinal, são mais de 100 invenções, que vão desde uma suspensão especial de automóveis até o *gold-lock*, utilizado na vedação de sacos de dinheiro, nos Estados Unidos.

Castro Netto lembra, no entanto, que as desventuras de um inventor, no Brasil, não se esgotam nesse ponto. “O pior é a incompreensão e o desestímulo, por parte do governo” diz ele. Para justificar suas queixas, cita a portaria 183, de 26 de maio de 1976, que dispensa a retenção do Imposto de Renda na fonte para quem exporta *know-how*. Embora o texto da lei seja bastante claro, para ele, a Cacex levanta dúvidas jurídicas a respeito da concessão desses benefícios para os inventores.